

## **FICHA DE INSCRIPCIÓN**

**Asociación Uruguaya de Historia Económica- (AUDHE)  
Terceras Jornadas de Historia Económica  
Montevideo - 9 al 11 de Julio de 2003**

**Simposio N° 25**

**Nombre del Simposio:**

**Coordinadores:** Profa. Celia Gladiz Lopez y Elida Inés Ríos.

**Título de la Ponencia:** "Inmigración y trabajo en Campinas (Brasil). Las nuevas actividades ocupacionales del espacio urbano campinero (1880-1920)".

**Autor,(es)** Lilia Inés Zanotti de Medrano, Cibele Bravo y Silmara Regina Farali.

**Adscripción Institucional:** Faculdade de História - Centro de Ciências Humanas. - PUC-Campinas, SP - Brasil

**Correo Electrónico:** medrano@puc-campinas.edu.br

**Asociación Uruguaya de Historia Económica- (AUDHE)**  
**Terceras Jornadas de Historia Económica**  
**Montevideo - 9 al 11 de Julio de 2003**  
**Simposio No. 25**  
**Coordinadora: Profa. Celia Gladiz Lopez y Elida InésRíos.**

**Inmigración y trabajo en Campinas (Brasil). Las nuevas actividades ocupacionales del espacio urbano campinero (1880-1920)**

Lilia Inés Zanotti de Medrano, Cibele Bravo e Silmara  
Farali<sup>1</sup>

**RESÚMEN**

Esta ponencia tiene como principal objetivo enfocar la presencia del inmigrante en la ciudad de Campinas (Brasil), en los últimos años del siglo XIX y principios del XX, destacando los cambios provocados en el espacio urbano en función de la intensificación y diversificación de las actividades comerciales y ocupacionales por ellos ejercidas. También destacaremos la presencia física de los inmigrantes de diversas procedencias que, circulando por las calles de la ciudad, provocaban sorpresa y curiosidad en el pueblo campinero frente a la invasión de estos nuevos trabajadores, influenciando la vida cotidiana de la ciudad.

Palabras-llave: Inmigración urbana; Campinas; Inmigración.

**Campinas na virada do século XIX**

O processo imigratório latino-americano oferece um campo de pesquisa amplo e complexo. Da mesma forma e desde uma abordagem micro-histórica, a imigração para

---

<sup>1</sup> Faculdade de História, Centro de Ciências Humanas (CCH), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas - SP - Brasil.

Campinas e região, permite abordar aspectos importantes para a compreensão de uma história regional que ainda está para ser construída.

A experiência migratória regional tem íntima relação com o desenvolvimento e expansão do café no estado de São Paulo, que direta ou indiretamente foi responsável pela movimentação de uma importante população estrangeira que buscava trabalho e espaço para reconstruir uma nova vida fora do país de origem.

Sabemos que com o movimento migratório para o Brasil, cujos momentos mais importantes ocorreram nas últimas décadas do século XIX, chego às cidades brasileiras, um importante número de imigrantes europeus de diversas etnias. Todavia, essa grande massa de trabalhadores europeus que chegou ao estado de São Paulo na segunda metade do século XIX teve a característica de ser predominantemente rural, embora saibamos que muitos imigrantes foram para as cidades antes ou depois de terem trabalhado nas fazendas de café, onde exerceram diversas atividades vinculadas aos serviços, ao comércio, às atividades artesanais, industriais e profissionais. E, por outro lado, muitos outros foram diretamente para as cidades desde o país de origem.

No caso particular de Campinas e região, o surto cafeeiro, ocorrido entre 1870 e 1883, teve importantes repercussões na vida da cidade ao tornar-se não só um centro produtor de café, como também um importante centro comercial local e regional<sup>2</sup>. As mudanças refletiram-se nos mais diversos aspectos da cidade e particularmente na sua vida comercial que adquiriu um ritmo e movimento nunca antes conhecido. Mercadorias de variadas procedências começaram a chegar a Campinas, provenientes do exterior ou do próprio país, pouco a pouco iam sendo incorporados à rotina e mudando os hábitos de um povo curioso e aberto às novidades. O resultado foi um novo estilo de vida entre os habitantes desta cidade e um comércio que o incentivava trazendo para o mercado artigos desconhecidos pela população.

A indústria, por sua vez, ampliava suas atividades oferecendo também novos produtos e novas oportunidades de emprego para os trabalhadores nacionais e estrangeiros. Ao mesmo tempo, a chegada de imigrantes à cidade trouxe aparelhado o processo de

---

<sup>2</sup> LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade. Os cantos e os antros. Campinas 1850-1900**, São Paulo, EDUSP, 1996.

miscigenação introduzindo novos valores, novas linguagens, um novo visual e um outro ritmo à sociedade.

Sabemos também que o cultivo do café na região de Campinas desde o último quartel do século XIX foi de importância fundamental para dinamizar a produção rural. As necessidades geradas pelo setor rural promoveram a expansão das atividades urbanas que atendiam a suas demandas. Assinala Semeghini<sup>3</sup>, que a importante economia agrícola que desde o século XVIII e XIX tinha assegurado o desenvolvimento da cidade, deu a ela a oportunidade de se inserir nos circuitos internacionais do capitalismo mundial. A essa importante acumulação gerada pela produção do café deve se acrescentar o aumento do setor terciário - transportes, bancos e comércio - que dará a Campinas, posteriormente, um papel re-distribuidor de âmbito regional, envolvendo tanto produtos importados como locais e nacionais.

As novas tecnologias permitiram o uso da energia elétrica, dos telefones e dos transportes urbanos, além de incentivar a construção de imóveis no espaço urbano campineiro. A ferrovia, ligando Campinas ao interior e à cidade de São Paulo, estimulou a instalação de indústrias nesse município, dando origem a uma rápida concentração de população, além do importante impulso no comércio e indústrias. Essas circunstâncias fizeram com que Campinas pudesse superar os efeitos da crise de 1929, consolidando sua vocação de centro industrial e pólo tecnológico regional que preserva até os dias de hoje.

Efetivamente, entre 1885, quando já estavam em atividade as Estradas de Ferro Paulista e Mogiana e 1889, com os primeiros surtos de febre amarela, o comércio da cidade aumentou. Numerosas casas comerciais foram fundadas, particularmente do ramo de comestíveis, bem como um grande número de firmas atacadistas, colocando a cidade em vantagens comerciais em relação a São Paulo.

No bojo desse processo é que devemos situar a vinda de imigrantes estrangeiros para esta cidade e seu entorno. Efetivamente, a região de Campinas, tradicionalmente escravista, começava a ensaiar os primeiros passos na transição para a mão-de-obra livre em meio ao crescimento da produção e da demanda internacional do café, adotando

---

<sup>3</sup> SEMEGHINI, Ulyses Cidade. **Agricultura, Industrialização e Urbanização**. Campinas 1860 a 1980. Dissertação de Mestrado, IE, UNICAMP, 1988 (publicado), pp. 22 e 27.

inicialmente o sistema de *parceria* e, mais tarde, após o fracasso deste, o *colonato*, que pareceu mais eficiente para os plantadores da região.

Por outro lado, por volta de 1886, o governo federal começou a subsidiar a imigração facilitando a introdução de trabalhadores na lavoura cafeeira. Assim, os imigrantes participaram de um momento de importantes transformações na região, tanto no que diz respeito ao fornecimento de mão-de-obra, como também à constituição de um mercado de trabalho livre. Todavia, é bom ressaltar que não houve uma política de governo para incentivar a imigração às cidades, razão pela qual Campinas recebeu uma leva espontânea de imigrantes urbanos que se estabeleceu por conta própria nas mais diversas atividades ou empregou-se como mão de obra nas incipientes indústrias locais, no comércio e nos serviços.

Assinala Baeninger<sup>4</sup> que a entrada de imigrantes no município, com base nos registros da Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, foi, entre 1882 e 1900, de 10.631 imigrantes, sendo 75% italianos, 11,3 % portugueses, 7,9 % espanhóis, 3,9 % alemães e 1,8 % de outras nacionalidades. Assim, a autora constata que o café e a imigração foram importantes condicionantes do crescimento populacional e da importância regional de nossa cidade. Em 1920 a cidade já contava com mais de 67 mil habitantes e, segundo o censo, Campinas tinha, em 1918, 24.515 estrangeiros, isto é, 23,3 % da população total que contribuíram decisivamente para a lavoura e para a expansão das atividades urbanas, mesmo durante as crises enfrentadas pelo café.

A febre amarela, que em 1889 se abateu sobre a cidade e que, periodicamente, se repetiu por três vezes até 1895, afetou esse crescimento econômico. A população de Campinas sofreu com diversos surtos epidêmicos de febre amarela e, segundo o conhecido médico campineiro Lycurgo Castro dos Santos Filho<sup>5</sup>, as principais vítimas eram as de classes mais baixas, onde se encontravam muitos imigrantes. Efetivamente, em 1897 a última epidemia acusou o seguinte número de vítimas entre os estrangeiros: 246 italianos, com 171 óbitos; 236 nacionais, sendo 74 de Campinas, com 40 vítimas fatais; 93 portugueses, com 50 mortos; 70 espanhóis, com 43 mortos; 15 alemães, com 5 mortos; 13

---

<sup>4</sup> BAENINGER, Rosana. **Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista**, Campinas, CMU/UNICAMP, 1996.

<sup>5</sup> SANTOS FILHO, Lycurgo Castro. **A Febre Amarela em Campinas**, Campinas, Área de Publicações, (CMU)/UNICAMP, 1996.

austríacos, com 6 mortos, e menos de 10 de outras nacionalidades entre doentes e falecidos. Superadas as epidemias, a cidade retomou seu ritmo.<sup>6</sup>

Em relação à indústria, a maioria dos autores concorda em afirmar que em Campinas essa atividade começou por volta de 1857, numa época em que, como referimos acima, as fazendas precisavam de maquinarias, de veículos para transporte e de mão-de-obra especializada. Esse fator incentivou a indústria e, em 1881, já se haviam instalado, na cidade, algumas fábricas de máquinas para lavoura, de fundição de ferro e bronze, fábricas de cerveja e gelo, de chapéus, curtumes, marcenaria e carpintaria a vapor, além de outras menores. Foi constatado que os estrangeiros tiveram, nesse momento, uma importante participação tanto nas atividades comerciais como nas industriais da cidade.

Todavia, o repentino crescimento da população foi preocupante para as autoridades locais devido à fragilidade da infraestrutura urbana, que mostrava que a cidade não estava preparada para receber esses novos habitantes. Com comportamentos e hábitos diferentes, sem moradia para todos surgiram os cortiços e a mendicidade aumentou, dando uma imagem negativa do imigrante ao qual se atribuíam todos os males.

Porém, para o imigrante, que em sua maioria provinha das fazendas, a cidade era um atrativo que possibilitaria a ascensão social. Tal vez por isso surgiram, com sua chegada os pequenos comércios, oficinas e indústrias que criaram oportunidades de trabalho para operários, aprendizes e artesãos, dentre os quais a grande maioria era de imigrantes que estariam disponíveis e habilitados para entrar nesse novo mercado de trabalho. Novas profissões e ofícios apareceram como resposta às demandas do comércio, da indústria e do aumento da população diversificando as atividades urbanas.

Na virada do século XIX para o XX, Campinas já tinha um importante contingente de estrangeiros plenamente incorporados às atividades urbanas, e os campineiros começavam a mudar os hábitos influenciados pela convivência com os novos cidadãos. Por isso, o crescimento econômico derivado da produção do café e o processo migratório do final do século XIX são elementos essenciais para a reconstrução de uma parte importante da história desta cidade e seu entorno regional. É nesse contexto que nosso trabalho ganha sentido.

---

<sup>6</sup> O cadastro fiscal para o ano de 1935 assinalava a existência de 2.130 estabelecimentos comerciais em todo o município.

## Uma Hospedaria para os imigrantes

Uma das principais fontes para estudar as impressões da população campineira em relação aos novos habitantes da cidade são os artigos publicados em jornais de Campinas que faziam referência à imigração para esta cidade, tais como, o *Diário de Campinas*, *Cidade de Campinas* e *Gazeta de Campinas*, que circularam na segunda metade do século XIX e início do século XX. Esses artigos publicados na imprensa campineira denunciavam os problemas que afetavam à vida na cidade. Também traduziam a preocupação das autoridades com a problemática da imigração, quer seja no referente à mão de obra urbana, à questão da infraestrutura habitacional que permitisse dar alojamento aos novos habitantes ou aos problemas de higiene ocasionados pelo aumento da população, uma das maiores preocupações, particularmente no período da epidemia de febre amarela.

A cidade de Campinas era o ponto final e também centro de concentração e distribuição regional destes imigrantes para trabalhar em fazendas das cidades vizinhas. Foi por essa ocasião que as autoridades locais tiveram a preocupação de construir uma hospedaria destinada aos imigrantes que chegavam de São Paulo com destino ao interior seguindo o exemplo de outras cidades que recebiam imigrantes em número importante: São Paulo, São Carlos do Pinhal e Descalvado. Os jornais difundiam sua opinião a respeito. O *Diário de Campinas* assim expressava:

*"É o que há tempos destas colunas aconselhamos, com mais amplitude, porém, em benefício da lavoura, do colono e da salubridade própria da capital. É-nos excusado adduzir mais razões em pro dessa medida de alcance administrativo, econômico e até higiênico".*

*(... ) "Preciso é, entretanto, que o sr. dr. Américo Brasiliense não se detenha ahi relativamente à deliberação ultima que tomou; convêm que s.ex. semeie possivelmente pelo interior do Estado, sobretudo pela zona cafeeira, hospedarias capacitadas para uma leva regular de imigrantes comportarem"... "Esperamos, pois, que já bem iniciada como foi essa medida, ampliá-la em breve o sr. presidente com visível vantagem para a lavoura em geral" <sup>7</sup>.*

---

<sup>7</sup> "Hospedaria de Immigrantes". In: **Diário de Campinas**, dia 30 de agosto de 1891.

Em Campinas, por essa época, encontrava-se em fase de construção avançada o edifício destinado a uma hospedaria de imigrantes. A respeito o mesmo jornal assinalava que,

*"Anteontem à 1 hora da tarde realizou-se o cobrimento da fachada principal do edifício que está sendo construído para hospedaria de imigrantes" <sup>8</sup>.*

Todavia, a execução da obra enfrentava as dificuldades do transporte de material para sua construção encarecendo também, segundo a opinião do mesmo jornal, o custo dos materiais. A obra, que estava a cargo dos empreiteiros senhores Malfatti e Massaglia, foi construída, ao que tudo indica, nas proximidades da estação das estradas de ferro Paulista e Mogiana, em Campinas e, anos mais tarde, não sabemos o motivo, se encontrava abandonada. A respeito, um editorial de jornal campineiro assim expressava sua decepção com tal situação:

*"O edifício, porém, caiu em lamentável abandono, do erário público, sem proveito algum, saíram avultadas quantias de dinheiro, que se tornou improdutivo, por isso que aquela enorme casa nenhum serviço prestara" <sup>9</sup>.*

O jornal chamava a atenção para a necessidade de dar outra utilidade ao edifício, que, como propriedade do governo federal havia demandado uma despesa importante para sua construção e, por motivos desconhecidos, não havia sido destinada à sua verdadeira finalidade que era atender às necessidades da cidade de Campinas no suprimento de mão-de-obra imigrante para as regiões servidas pelas estradas de ferro Mogiana e Paulista. Considerava o jornal que a construção de uma Hospedaria em Campinas não faria concorrência à Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, a qual abastecia facilmente, *"as zonas da Central, da Sorocabana-Ituana e de outros ramões"* e por isso sugeria que o *prédio poderia servir para "a criação de um asilo de mendigos ou para um*

---

<sup>8</sup> "Hospedaria de Immigrantes". In: **Diário de Campinas**, 09 de setembro de 1891.

<sup>9</sup> "Edifício em abandono". In: **Diário de Campinas**, 23 de julho de 1898.



*estabelecimento industrial que permitisse a preparação profissional de inúmeras crianças abandonadas ou de pessoas sem ocupação"*<sup>10</sup>.

A menção aos "mendigos" e "crianças abandonadas" refletia, entre outros aspectos, os problemas acarretados pelo aumento populacional que vinha sofrendo a cidade de Campinas ou pelas conseqüências da febre amarela e colocava em evidência a deficiente infraestrutura urbana para atender as necessidades dos habitantes. Entre eles, os imigrantes de diversas origens e procedências mostravam-se, em sua mobilidade espacial, como um elemento imprevisível que comprometia os aspectos relacionados ao saneamento básico, à problemática da habitação e da higiene na cidade<sup>11</sup>. Certamente, não era um problema específico de Campinas, todavia, devia ser enfrentado.

A questão retratada no jornal mostra, entretanto, que essa realidade já existia e que a imigração "veio a agravar a situação econômica dos grandes centros populosos...". Neste sentido, o jornal insistia:

*"Mas, a grande onda de imigração que inundou o país nestes últimos anos, a título de salvar a lavoura do abandono a que estava fatalmente condenada pela escassez de braço, veio, por sua vez agravar a situação econômica dos grandes centros populosos, onde, em grande escala, esses mesmos imigrantes procuram colocar-se e efetivamente se colocam no pequeno comércio, nos diversos misteres da vida doméstica, pequenas indústrias e até nos empregos públicos".*

*(...) "Entretanto como da aparente desordem resulta, quase sempre, a harmonia geral é de crer que este desequilíbrio que ora se manifesta nas relações do trabalho nos centros populosos seja o prenúncio de melhores dias, em próximo futuro, e que a 'polycultura', como principal fator da riqueza pública, veja em breve desenvolverem-se as suas inesgotáveis fontes de produção. Assim seja"*<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> FARALI, Silmara Regina. "Imigração, espaço urbano e trabalho: os imigrantes italianos na cidade de Campinas (1880-1920)". In: **Cadernos do ICH**, No. 13, Campinas, PUC-Campinas, 2003, pp.

<sup>11</sup> FARALI, Silmara Regina, op. cit., pp. 103.

<sup>12</sup> "Actualidades". In: **Diário de Campinas**, 27 de Janeiro de 1899.

O jornal referia-se à cidade de São Paulo, porém, a situação de Campinas não era muito diferente. A imigração de variadas procedências, mas principalmente a italiana que chegava a Campinas estava destinada à lavoura cafeeira que, por essa época passava por um processo de substituição do trabalho escravo. Por isso, os imigrantes e suas famílias eram encaminhados, em sua maioria, às colônias ou às fazendas que existiam na região, para trabalhar nas plantações de café, onde, para muitos era uma situação de transitoriedade. Por isso, muitos iam para as cidades mais próximas procurando novas perspectivas de vida e outros, depois de alguns anos trabalhando na terra também procuravam a cidade com a intenção de investir suas economias em um negócio próprio ou em parcerias com outros *paesanos* que chegavam com algumas economias destinadas a um empreendimento na América.

### **A diversificação ocupacional**

O centro urbano campineiro ia alargando seus limites em função das correntes migratórias de variadas origens e do aumento da população integrada por trabalhadores que buscavam novos horizontes. Nacionais, italianos, portugueses, espanhóis, alemães, suíços e judeus, entre outros, começaram a ocupar os espaços vazios da cidade ou se agrupavam desordenadamente no centro onde o comércio estava concentrado.

A respeito comenta Lapa<sup>13</sup>:

*"Para o atacado e o varejo, enriquecido pela imigração que nesse sentido traz um know-how suficiente para a especialidade e a diversidade que se reclamavam, o comércio estabelecido, lícito e ilícito, comissários e mascates, importadores e quituteiros compõem esse setor que será de particular interesse pelo poder municipal, preocupado com a segurança e lisura, contra a fraude e a clandestinidade, pela agilidade, mobilidade e higiene".*

---

<sup>13</sup>LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: os cantos e os antros. Campinas 1850 - 1900.** São Paulo: EDUSP, 1996, pp. 284.

Segundo dados fornecidos por João Amêndola<sup>14</sup>, entre 1.842 e 1.899 o comércio urbano aumentou consideravelmente e ao que tudo indica, a entrada de imigrantes italianos, alemães, franceses, espanhóis, judeus, suíços, entre outros, facilitou a diversificação das atividades comerciais, industriais e artesanais.

O mesmo autor menciona um número importante de casas comerciais cujos proprietários tem sobrenomes de origem estrangeira. Vejamos: Casa Livro Azul, de Roberto Alves & Mendes, Companhia Mac-Hardy, Casa Genoud, de Alfredo Genoud, Casa Ambrust, Pedro Anderson, Roque de Marco, Silva Lima, Rocha Brito, Casa Vilela, João Bierrenbach, João Jorge, Charles Levy, Sales & Filho, Francisco Krug, Proost Rodovalho, Tomás Alves Filho, João Barrère, Franceschini & Belluomini, Antonio Procópio, Sbragia & Irmão, Ricardo Bursuglia, Miguel Amêndola, Henrique Blooch, Figueiredo Monteiro, Francisco Monteiro Carvalho e Silva, Afonso Miguel Teixeira, Pires & Cia, Domingos Passaglia, Francisco Antonio Mello, Barros e Borges, José pereira de Andrade, Hemple e Cia, João Perim, Moreira & Irmão, Casa Barsotti, Guiusepe Martineli, Pascoal Malfatti, Marinho & Fontoura, Maximiano José Romeiro, etc<sup>15</sup>.

Os dados indicam também que o comércio da cidade contava nos últimos anos do século XIX com 579 estabelecimentos registrados<sup>16</sup>, dentre eles 17 alfaiatarias, 2 caldeirarias, 2 chapelarias, 3 fundições, 2 macarronarias, 15 padarias, 5 *latoadas*, 2 marmorearias, 4 marcenarias, 5 ourivesarias, 2 relojarias, 1 técnico em piano, 21 sapatarias, 4 selarias e 7 oficinas mecânicas. Também contava com 3 tabeliães, 1 inspetor literário, 12 escolas oficiais, 17 escolas particulares, 1 empresa telefônica, 1 companhia de bondes a tração animal, 1 companhia de iluminação a gás, 2 agências bancárias, 1 agente de câmbio, 2 afinadores de piano, 1 leiloeiro, 3 casas de banho público, 1 casa de penhores, 2 fábricas de carros, 8 hotéis, 9 restaurantes, 2 "*ateliers*" de fotografia, 10 casas comissadas de café, 3 casas compradoras de café, 6 casas de saúde, 8 guarda-livros, 17 advogados, 5 solicitadores, 6 engenheiros, 1 agrimensor, 65 capitalistas, 112 fazendeiros e proprietários diversos, 4 parteiras, 11 farmácias, 3 jornais, 2 tipografias, 6 professores de música, 17 sociedades diversas, entre esportivas, culturais, recreativas, artísticas e beneficentes, além

---

<sup>14</sup> AMÊNDOLA, J.L. "O Comércio de Campinas". In: **Monografia Histórica do Município de Campinas**, Rio de Janeiro, IBGE, 1952.

<sup>15</sup> Ibid., pp. 284 - 285.

<sup>16</sup> Ibid. pp. 513-527.

de 3 consulados, da Alemanha, Suíça e Portugal. não é de se estranhar, portanto, que, em 1.925 fosse fundada a Associação Comercial de Campinas e, que no ano de 1.935, o cadastro fiscal já assinalasse a existência de 2.130 estabelecimentos comerciais.

Em relação à localização do comércio no espaço urbano, assinala Lapa<sup>17</sup> que:

*"...a concentração do comércio estava na direção da capela da Santa Cruz (Largo de Santa Cruz), seguindo o trajeto da atual Luzitana, cuja denominação (1871) prende-se à presença dominante de portugueses com suas lojas de ferragens, armarinhos e secos e molhados, que prosseguiram pela rua da ponte (major Solon) e pela rua da Purga (atual Santa Cruz)".*

É importante salientar que a chegada de imigrantes contribuiu também para a diversificação das profissões já existentes na cidade de Campinas. Destacam-se, entre outros, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, parteiras, dentistas, fotógrafos, alfaiates, professores de música, de línguas, jornalistas, padeiros, confeitários, costureiros, amas de leite (brancas), afinadores de piano, entre outros, que em grande parte eram imigrantes.

Ainda, assinala Farali<sup>18</sup>, referindo-se aos imigrantes italianos, que:

*"A vida associativa dos imigrantes criou, por outro lado, novos espaços para os conterrâneos na cidade e, pouco a pouco, também, para os campineiros. Por exemplo, em Campinas os italianos que aqui se fixaram foram, aos poucos, associando-se e formando várias agremiações. Dentre elas, a Sociedade de Mútuo Socorro, fundada em 1.880; o Circolo Italiani Uniti, em 1.881; e a Sociedade Artística Italiana Confederativa, em 1.884, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural da cidade e do município de Campinas".* E continua: *"Outro dado interessante é que os italianos fundaram, na cidade, uma Banda de Música Ítalo-Brasileira que animava os domingos na cidade".*<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> AMARAL, Leopoldo. **Campinas Recordações**, São Paulo, Seção de Obras d' Estado, 1927, pp. 218, 295-300. Apud: LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: os cantos e os antros. Campinas 1850 - 1900.**, op. cit. pp. 284.

<sup>18</sup> FARALI, Silmara Regina. "Imigração, espaço urbano e trabalho: os imigrantes italianos na cidade de Campinas (1880-1920)". In: **Cadernos do ICH**, No. 13, op. cit., pp.

<sup>19</sup> Efetivamente, no dia 1º de setembro de 1.906 o jornal **O Comércio de Campinas** deu destaque à atuação da banda homenageando os seus músicos, todos de origem italiana: José Troiano, Constantino Suriano,

É importante salientar que os imigrantes introduziram também, novas formas de comerciar. Por exemplo, segundo Nascimento<sup>20</sup>, as primeiras famílias judaicas que chegaram a Campinas e região vendiam a prazo e emprestavam dinheiro<sup>21</sup> e essas novas modalidades foram incorporando-se ao comércio da cidade por meio de investimentos em dinheiro ou de variadas atividades comerciais que introduziam manufaturas e mercadorias de origem nacional e estrangeiro, adotando também a forma de pagamento a prazos, favorecendo a ampliação do comércio até as incipientes camadas médias urbanas. Desta forma, a coletividade judaica em Campinas foi crescendo e se consolidando sua presença com a criação de uma Sinagoga<sup>22</sup> que preserva, até hoje, uma cultura milenar. Tudo isto, vem mostrar também o perfil urbano do imigrante judeu.

Sabemos que a característica dos imigrantes judeus, em seus primeiros contatos com a sociedade foi a de ser vendedores ambulantes, que como os mascates, vendiam toda sorte de produtos, particularmente fazendas, roupas, artigos de higiene, armarinhos, etc. Iniciaram suas atividades de mascates percorrendo as fazendas da região e mais tarde foram se instalando na cidade com pequenas lojas de comércio localizadas na zona central da cidade que contribuíram para a diversificação da vida comercial e financeira de Campinas.

Assinala Nascimento<sup>23</sup> que:

*"Como suas lojas ficavam na região central de Campinas, podemos adiantar como conclusão que este acabou sendo o primeiro núcleo urbano comercial/residencial estruturado por uma comunidade étnica. Podemos fazer até uma comparação com os*

---

Affonso Massarotti, Justino Scamuffo, Tito de Mário, Palmetrino Suricino, Michel Filippo, Humberto Troicino, Martinho Bahde e Domingos Ciurcuo.

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Ariel Elias do. A coletividade judaica e seus espaços de memória. In: **Cadernos do ICH**, No. 13, maio, Instituto de Ciências Humanas (ICH), PUC-Campinas, 2003, pp. 79.

<sup>21</sup> Segundo GRUN: "Los productos ofrecidos por los prestamistas permitían a los habitantes de las haciendas una elección más amplia de lo que ofrecía el tradicional 'barracão', la tienda de comercio establecida por los dueños de las haciendas para satisfacer las necesidades de sus empleados. El recurso al prestamista externo estimulaba también el aumento de la libertad de los empleados en relación a la administración de las haciendas, que acostumbrada hacer de la deudas que los empleados contraían en los establecimientos internos, instrumentos de presión para conseguir su permanencia en haciendas que ofrecían condiciones de trabajo inferiores a las que podrían ser encontradas en otro lugar." In: GRÜN, Roberto. "La Imagen y la Vida de los Judíos en Brasil: cuestiones e inferencias". In: **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, año 10, n.º 29, Buenos Aires, CEMLA, 1995, pp. 10.

Ibid., p. 10.

<sup>22</sup> Ver: NASCIMENTO, Ariel Elias. "A coletividade judaica e seus espaços de memória". In: **CADERNOS DO ICH**, Vol. 13, maio, Instituto de Ciências Humanas (ICH), PUC-Campinas, 2003, pp. 82.

<sup>23</sup> Ibid, pp. 80.

*italianos que, em sua maioria, inicialmente, se estabeleceram nas fazendas, constituindo núcleos rurais como existe hoje o bairro de Traviú, em Jundiaí ou então os japoneses, formando a Colônia Monte D'este na região de Campinas, entre outros".*

Misturavam-se, assim, a outros imigrantes de diversas nacionalidades, que como os portugueses, italianos, espanhóis, alemães ou franceses dedicaram-se a abrir restaurantes, pousadas e hotéis para atender ao forte movimento de viajantes e representantes comerciais, nacionais ou estrangeiros, que passava pela cidade, bem como a abrir novos comércios e indústrias.

### **Os primórdios da indústria em Campinas e os imigrantes**

A economia do café proporcionou os meios para o desenvolvimento da indústria, mas também para a formação de um mercado livre incrementado pela mão-de-obra imigrante que contribuiu para a formação de um mercado consumidor de alimentos, tecidos, bens de consumo em geral para os trabalhadores.

As primeiras indústrias datam de 1857 quando a família Bierrembach instala uma fábrica de chapéus e mais tarde, de máquinas agrícolas e afins. Em 1.881, a cidade já possuía fábricas importantes de máquinas para lavoura, com fundição de ferro e bronze, fábricas de cerveja e gelo, de chapéus, curtumes, marcenaria e carpintaria a vapor, além de outras de menor monta. Em 1.900 existiam na cidade 47 fábricas diversas, dentre as quais destaca-se, 1 refinaria de açúcar, 1 fábrica de chapéus, 5 de máquinas para lavoura, 10 fábricas de móveis, 2 caldeirarias, 1 curtume e 11 olarias e, por volta de 1.912, Campinas já apresentava um aspecto de cidade industrial, possuindo 83 estabelecimentos fabris.

Nesse contexto, a atuação dos imigrantes italianos, ingleses e alemães para o desenvolvimento da indústria nesta cidade é inegável. Campinas contava com a presença de espanhóis, alemães, suíços, austríacos, dinamarqueses que, entre outros, contribuíram com sua criatividade e força de trabalho para a diversificação das atividades produtivas, de comércio, de serviços, profissionais e para a vida social e cultural. Cerca de 40% das

indústrias de Campinas eram de brasileiros natos, enquanto que, o restante, correspondia a pessoas de origem estrangeira.

Os portugueses residentes em Campinas representavam um 11% da população estrangeira que se instalou na cidade nas últimas décadas do século XIX acompanhando a imigração em massa proveniente da Europa. Tendo como vantagem sobre os outros estrangeiros o domínio da língua, muitos se dedicaram ao jornalismo e à imprensa, atividades onde o conhecimento do português era essencial. Tal é o caso de Bento José de Abreu Alves Guimarães quem chegou à cidade em 1813 e prestou importantes serviços na Câmara Municipal como agente de correios, de Henrique de Barcelos, redator do Diário de Campinas, de Alfredo de Almeida, José Maria Lisboa, José Gonçalves Pinheiro, redator de jornais e vinculado desde 1974 aos meios da Imprensa, assumiu a redação do Diário de Campinas em 1889 revelando suas atidões jornalísticas, Francisco Gaspar da Silva, português (1856), jornalista, mação e anticlerical, escrevia para o Diário de Campinas, foi fundador do Clube Ginástico Português onde reunia seus compatriotas. Todos eles, homens de cultura e domínio da língua portuguesa que resumem um capítulo da história do jornalismo campineiro.

Em 1869 registramos a presença do dr. Valentim José da Silveira Lópes, farmacêutico, quem estabeleceu um posto vacínico gratuito e mais tarde, em sociedade com o também português farmacêutico Antônio Jesuíno de Oliveira Barreto fundou a Farmácia Imperial de Barreto e Cia. Participou da construção da Santa Casa da Misericórdia, prestou ajuda no Hospital dos Bexiguentos e na futura Beneficência Portuguesa.

Todavia, o comércio foi o ramo onde a coletividade portuguesa estava mais concentrada e localizada à Rua Luzitana. Dentre eles podemos destacar a importante loja de louças e comestíveis - em grande parte, portugueses - de propriedade dos portugueses José Duarte de Figueiredo e João Francisco Ferreira Jorge. Os jornais são ricos em anúncios de outros serviços: amas de leite, alfaiates, padeiros, entre outros.

Os italianos eram o grupo mais numeroso entre os imigrantes estabelecidos em Campinas correspondendo a um 75% da população estrangeira no âmbito urbano campineiro. Difícil saber a procedência, pois, como salientamos anteriormente, a maioria ia

destinada às fazendas da região. Porém, a mobilidade espacial dos italianos, nesse final de século deve ter sido importante e muitos, após anos de economias iam para as cidades, enquanto outros vinham da Europa com algum capital e a intenção de se instalar aqui com uma atividade rentável ou para exercer alguma profissão.

Encontramos entre os italianos o José de Paolino, natural de Diamante, província de Cosenza quem ingressou no jornalismo em 1908, no jornal Comércio de Campinas como repórter. Antes dele, outro italiano de Treviso, José Gabriel Martins, chegou a Campinas em 1890. Como antigo seminarista em Roma o domínio do latim e grego lhe permitiu exercer atividades na docência e de revisor nos jornais Cidade de Campinas, Comércio de Campinas e Diário do Povo e dos jornais Católicos O Mensageiro e A Tribuna.

Na indústria os italianos foram muito atuantes. Destacamos alguns estabelecimentos: *Oficina de Marcenaria Tullio, Cervejaria Garibaldi, Cervejaria Guarani, Fábrica de massa, Cervejaria Luraschi, Fundação Maragliano de Ferro, Bronze e Sinos, Pastifício Selmi*, existente até hoje.

Também se destacaram na área da saúde, particularmente no período da febre amarela, quando foi necessário tomar medidas sanitárias. Dentre eles podemos lembrar a atuação dos médicos italianos Ignácio Emílio Achilles Bertholdi, Clemente de Toffoli, Emylio Juliani e Mário Gatti. Em outras atividades, por exemplo, na construção civil onde se destaca a figura de Raphael Mauro, no comércio por atacado, a importante casa de Rocco de Marco ou em atividades que iam desde contadores, comerciantes de varejo e atividades industriais.

Os alemães, embora um grupo menos numeroso que os anteriores participaram ativamente em atividades industriais, de comércio e na educação. Na indústria podemos começar por destacar a Luiz Faber que chegou a Campinas em 1858 e instalou a Casa de Fundação de Luiz Faber, que sobreviveu até 1906 e atendia às necessidades da lavoura em matéria de maquinários. A família seguindo a tradição da Alemanha dedicou-se à marcenaria, carpintaria e madeiras em geral, considerada a primeira no ramo, em 1853.

Outro exemplo é o da família Krug que tinha uma diversificada atividade industrial. Tinham uma fábrica a vapor de descaroçar e enfardar algodão, fábrica de troles, carros e carroças e uma ferraria a vapor. Também a fábrica de chapéus Hempel abastecia de



chapéus de pelo de lebre, castor e seda. Ainda, o alemão Backheuser possuía um depósito de farinha de trigo, vinho, sal e açúcar, querosene, máquinas de costura e móveis, além do fornecimento de lenha para fogão. Também, Anton Exel, que era marceneiro e tinha uma empresa de transportes funerários, e Germano Frederico Eduardo Melcher, médico, operador e parteiro, pertenciam aos alemães campineiros. Podemos incluir na lista a Jorge Florence, filho de Hercule Florence e Carolina Krug que, após ter estudado na Alemanha voltou para Campinas onde abriu uma farmácia em 1886. Alguns fabricavam ou comercializavam relógios - com a Relojoaria Alemã -, outros dedicavam-se a joalheiros, mecânicos ou ao comércio. A profissão de parteira era exercida com bastante frequência entre as mulheres alemãs. Anúncios dos jornais anunciavam com frequência esta atividade, por exemplo, D. Lissete Agte e Anna Garbe.

Os franceses eram um grupo reduzido em Campinas embora muito visível em função das atividades que desempenhara. Nos anúncios dos jornais consultados localizamos franceses em diversas atividades: medicina, fotografia, restaurantes, confeitarias, indústria e comércio. Começamos por Alfred Genoud que chegou a dominar o mercado de livros na cidade. Fundada em 1876, a Casa Genoud que era uma importante livraria, tipografia e papelaria, fechou só em 1940 após a morte do seu proprietário. Ainda entre os franceses destacamos a Hercules Florence que teve relevante atuação introduzindo avanços técnicos na tipografia e na fotografia, a quem se atribui o seu descobrimento. Os irmãos Eugène e Alexandre Blanchard, cuja caldeiraria, fundição de ferro e bronze fundada em 1880 contava com maquinárias importadas da França e com a experiência do pai de ambos que era "operário mechanico" na França.

As torneiras, banheiras e encanamentos fabricados na Casa Blachard foram utilizados no Hospital Beneficência Portuguesa e em cervejarias da cidade. Outro ramo em que atuaram os franceses é o do comércio destacando-se, entre outros, a fábrica e venda de sapatos "A Bota de Ouro", de firma de propriedade do francês de origem judaica João Barrère e Irmão, fundada em 1877; a chapelaria francesa "Ao Globo de Ouro" de Alberto Shereck; o "Restaurante de France", de João Baptista Loustau. Ainda na medicina, o médico Philemom de Couvillon quem teve atuação destacada atendendo doentes em sua

"Casa de Cura". Estas "Casas de Cura" funcionavam como clínicas particulares atendidas por médicos e destinadas à população sem recursos.

Outros grupos, como os dos espanhóis, suíços, judeus, sírios e libaneses tinham a característica de ser eminentemente urbanos. Os espanhóis atuavam em diversas atividades na cidade de Campinas. De um modo geral, a primeira geração de espanhóis se dedicava a realizar serviços em casas de famílias como cozinheiras ou copeiras, em restaurantes ou no pequeno comércio. Embora não exista ainda um estudo mais pontual sobre este grupo étnico, a existência de um Consulado Espanhol na cidade fundado no final do século XIX e ainda em funcionamento, mostra a pujança de sua presença em Campinas em diversas atividades exercidas hoje, pelos seus descendentes.

Os sírios e libaneses também iniciaram suas atividades como mascates e em pouco tempo assumiram a liderança nestas atividades na região. Em Campinas, ao que tudo indica, essa forma de comércio praticada pelos sírios e libaneses - a mascateagem - não parece ter entrado em conflito com o comércio urbano uma vez que geralmente se abasteciam de mercadorias em alguma loja de um "patrício" ou outros comerciantes da cidade espalhando os produtos pelo interior. No entanto, o que pode ter provocado um choque é a concorrência que faziam ao comércio de varejo, o que parece ter provocado algumas queixas na Câmara Municipal de Campinas. A história dos imigrantes sírios e libaneses em Campinas, está para ser feita.

Imigrantes ingleses, americanos, austríacos, suíços e dinamarqueses também sobressaíam em algumas atividades urbanas. Destacamos os médicos Dr. Ricardo Gumbliton Daut, inglês que medicou nesta cidade entre 1843 e 1879, o dinamarquês Theodoro Langaard, que residiu em Campinas desde 1855 e o austríaco Carlos Engler, todos eles dedicaram-se a exercer sua profissão entre os escravos e os mais necessitados.

Na indústria, a Companhia Mac Hardy que, fundada no ano de 1875 trabalhou até 1985 fabricando máquinas agrícolas, motores a vapor, caldeiras, turbinas, etc.; a Lidgergood Manufacturing & Company, fundada em 1887 e extinta em 1922 e que também fabricava máquinas para a lavoura e indústria, em geral.

## **Considerações finais**

Verificou-se que, os italianos obtiveram êxito quando passaram a se inserir no cenário urbano. Por meio das atividades de comércio e indústria, o imigrante italiano diversificou as atividades urbanas na cidade de Campinas. O levantamento feito durante esta pesquisa evidencia o surgimento de uma profusão de profissões, da indústria e do comércio, comandadas pelo imigrante. Assim, o imigrante foi se transformando em um cidadão campineiro, na medida em que sua imagem era desvinculada do trabalhador da lavoura.

Efetivamente, o projeto imigratório brasileiro foi construído sob o prisma da substituição da mão-de-obra escrava na lavoura do café. Neste primeiro instante, não se “importam” cidadãos, e sim mão-de-obra. Com a crise no café e o crescimento incipiente da cidade de Campinas, cria-se uma nova necessidade produtiva. O italiano, com base em sua livre iniciativa e nos conhecimentos trazidos de seu país de origem, irá suprir estas novas necessidades urbanas. E ao suprir estas novas necessidades, o imigrante passa a dialogar, de outra forma, com os outros setores da sociedade. O diálogo não ocorre de forma subordinada, como na lavoura de café, e sim de forma mais coordenada.

Esta nova situação que se vivencia na cidade permite a construção de seu próprio espaço de relações (vide o relativo à banda de música Ítalo-Brasileira na cidade). Esta construção não ocorreu de forma tranqüila. A superação das barreiras do preconceito ocorreu de forma gradual. Isso porque a ideologia que conduziu o processo imigratório foi a de substituição da mão-de-obra escrava, ou seja, exploração, ao máximo, do capital pelo trabalho.

Não há dúvidas quanto ao impulso que recebeu o comércio com o crescimento demográfico e com a chegada de tantos imigrantes. Todavia, além do aspecto quantitativo, é importante destacar a mudança de hábitos que esse variado número de nacionalidades trouxe para Campinas. Em anúncios jornalísticos, há referência a restaurantes e padarias que trabalhavam com a cozinha francesa, alemã, entre outras, o que vem mostrar que a população já estava se acostumando com esses novos hábitos que aos poucos foram sendo incorporados. Muitas residências queriam contratar para seus serviços cozinheiras

portuguesas e francesas, para poderem desfrutar dessa boa cozinha. Em Campinas a população dava grande importância a artigos estrangeiros: produtos alimentícios, roupas, calçados, chapéus, máquinas, bebidas, cristais, porcelanas, entre outros, todos como requintados e que a sociedade campineira se orgulhava de possuir.

O espaço urbano de Campinas, após a chegada de grandes contingentes de imigrantes e migrantes, viu-se povoado por bicos e cortiços, o que fez com que se proliferassem várias pestes e doenças. Isso levou as autoridades municipais a se preocuparem com um projeto de saneamento, com água encanada, já que a única forma de obter água era ir buscá-la nos chafarizes e fontes espalhadas pela cidade. Nasceu com o projeto de saneamento, a construção de cemitérios, bem como vários programas para a pulverização de casas que, dependendo do estado em que se encontravam, eram fechadas.

Para atender os proprietários de algumas indústrias em Campinas foi preciso desenvolver a energia elétrica. Da mesma forma, o sistema de correios também teve de ser desenvolvido, devido às grandes remessas de cartas enviadas ao exterior, bem como o sistema bancário.

Também a indústria, que como vimos teve impulso com a chegada dos imigrantes, introduziu técnicas e maquinarias novas. Foram vários os ramos industriais que se desenvolveram em Campinas, tais como indústrias de cervejas, fábricas de colchões, fábricas do ramo de alimentos, principalmente de massas, várias fundições e marcenarias, fábrica de troles, de máquinas para o beneficiamento de café, entre outras. A grande maioria dessas fábricas, se não era de estrangeiros, utilizavam técnicas e equipamentos importados, geralmente requeriam mão-de-obra imigrante, e, na falta dessa, a técnica era ensinada aos outros trabalhadores.

Não podemos deixar de citar a contribuição desses imigrantes na indústria jornalística, que teve grande avanço com os portugueses e italianos e que, graças a eles e também às técnicas alemãs para os trabalhos nas oficinas de impressão, foi possível uma vasta publicação de jornais e periódicos da época.

A medicina conquistou maiores recursos e novas técnicas com os imigrantes. Diversos grupos étnicos se organizaram e montaram hospitais e associações beneficentes, o que muito contribuiu para o tratamento de enfermos. Mesmo fora dos hospitais, havia em Campinas vários consultórios médicos particulares especializados - um exemplo são os

clínicos gerais especializados em operações, oculistas, ginecologistas, bem como médicos especializados em diversas pestes e infecções. Nesse ramo também participaram os dentistas, com muitos consultórios espalhados pela cidade. Muitos desses médicos e dentistas atendiam, sem cobrar, aqueles que não podiam pagar pelo serviço e atendiam na residência das pessoas, bem como nas fazendas.

Os imigrantes também fundaram vários colégios particulares, onde se ensinavam os costumes e língua de seu país. Esses colégios tinham suas vagas disputadas mesmo pelos brasileiros e por integrantes de grupos diferentes, mas eram raros os casos em que se admitia um aluno de outra nacionalidade que não fosse do grupo em questão. Até então as famílias mais abastadas contratavam professores particulares para ensinar seus filhos, o que teve de ser modificado, pois a demanda não atendia a procura, e não eram todos os que podiam pagar. Assim, a partir daí foram sendo criadas novas escolas públicas e privadas para melhor atendê-los.

Nas associações estrangeiras havia práticas esportivas e atividades sociais que envolviam toda a comunidade e, em alguns casos, jogos esportivos, festas e comemorações envolvendo toda a cidade. No teatro de Campinas, freqüentemente eram apresentadas companhias líricas italianas, companhias de danças e peças teatrais estrangeiras. O teatro recebia personagens artísticos estrangeiros que aqui vinham para serem prestigiados pela sociedade campineira. Assim, vê-se que a vida campineira foi influenciada profundamente, nos hábitos alimentares, na forma de habitação, na religião, na educação, no comércio e na indústria pela corrente migratória que chegou à cidade na virada do século XIX.